

**educação antirracista e afroturismo:
uma ferramenta de conhecimento de patrimônios negros**

**anti-racist education and afro tourism:
a black heritage knowledge tool**

Carlos Humberto da Silva Filho

CEO – Diáspora.Black

São Paulo – Rio de Janeiro

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9892-3179>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14219050>

Resumo: *O ano de 2016 foi um dos mais marcantes da nossa história. No mesmo período em que tramitavam as votações finais do impeachment da primeira mulher eleita Presidente do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro sediava os Jogos Olímpicos, evento marcado por muitos protestos sobre os impactos causados pelas obras e também pelas grandes frustrações sobre os legados sociais dos megaeventos. Enquanto o país estava borbulhando complexidade nascia a Diáspora.Black com a missão de promover o conhecimento de lugares, pessoas e histórias da população negra, para fomentar a agenda de diversidade, equidade e inclusão no Brasil. Naquele momento, compreendemos que o turismo, como um dos mais importantes segmentos econômicos, poderia representar também uma nova frente estratégica para a transformação social. Diante daquele caldeirão de emoções, enxergamos a oportunidade de inovar, promovendo um turismo de experiência e conhecimento focado na cultura negra, o que dois anos depois viria a ser conhecido e propagado como Afroturismo.*

Palavras-chave: (1) Afroturismo; (2) Diáspora.Black; (3) População negra; (4) Diversidade; (5) Equidade.

Abstract: *The year 2016 was one of the most remarkable in our history. During the same period in which the final votes on the impeachment of the first woman elected President of Brazil were being processed, the city of Rio de Janeiro hosted the Olympic Games, an event marked by many protests over the impacts caused by the constructions and by great frustrations over mega events social legacy. While the country was bubbling with complexity, Diáspora.Black was born with the mission of promoting knowledge of places, people and the History of black population, to promote the agenda of diversity, equity and inclusion in Brazil. At that moment, we understood that tourism, as one of the most important economic segments, could also represent a new strategic front for social transformation. Faced with that cauldron of emotions, we saw the opportunity to innovate, promoting experience and knowledge tourism focused on black culture, which two years later would become known and propagated as Afrotourism.*

Keywords: (1) Afrotourism; (2) Diáspora.Black; (3) Black population; (4) Diversity; (5) Equity.

Introdução

Em 2016 o Afroturismo emergia da necessidade da população negra - que compõe mais de 56% da população nacional (IBGE 2021) - de se ver representada no turismo como protagonista; de reconhecer nossas memórias, manifestações e patrimônios materiais e imateriais nos principais catálogos de turismo, sendo apresentadas por profissionais negras e negros. Além de ampliar a representatividade da população negra, esta estratégia se pautava em alicerçar a comunidade negra no desenvolvimento econômico do segmento de turismo.

O *Afroturismo* cumpre um papel de extrema relevância social como ferramenta de conhecimento de histórias e patrimônios negros, com estratégia inovadora de promoção do antirracismo, a partir de experiências turísticas. Quando uma pessoa viaja e conhece um determinado lugar, aquela vivência não sai mais de dentro dela. Ela se aproxima e experimenta uma história, cultura e hábitos que podem ser diferentes ou semelhantes aos que ela vive, mas que, de qualquer modo, forjam um conhecimento a partir de um amplo repertório de sentidos, que se consolida como uma herança sempre presente na memória. Por isso, o turismo pode ser compreendido em seu papel estratégico de promoção do conhecimento sobre a cultura negra e para construção de uma educação antirracista.

Uma educação centrada no diálogo entre as pessoas e no infinito de possibilidades que esse diálogo pode vir a propiciar em trocas, criações, conspirações, alegrias, compartilhamentos (LORETTO 2013).

É importante lembrar que existem diferentes movimentos e segmentos dentro do turismo, mas o modelo hegemônico, aplicado em massa, traz impactos em geral muito danosos para as comunidades locais. O turismo de massa gera agressões a modos de vida, desrespeito às práticas culturais e danos ambientais irreparáveis. Por isso, quando falamos de Afroturismo, estamos falando de uma prática de turismo de conhecimento, responsivo, representativo, que algumas vezes também é um *Turismo de Base Comunitária* (TBC), mas sempre voltado para a incidência de impactos sociais positivos.

Quando falamos de *Afroturismo*, não estamos falando de um turismo predatório, com a reprodução de velhos privilégios e estruturas sociais, em que o negro é colocado em posições subalternas - seja na hierarquia do trabalho e geração de riqueza, seja nas narrativas apresentadas ou invisibilizadas. O Afroturismo é uma das formas mais inovadora de promover uma Educação Antirracista e por isso, desde 2016 a *Diaspora.Black* atua para fortalecer o segmento, não apenas com a promoção dos roteiros afrocentrados, mas também levando seu fundamento e metodologia aplicados em treinamentos e consultorias para empresas.

Histórias de pretos e pobres da Baixada Fluminense

Como foi o meu encontro com o *Afroturismo*?

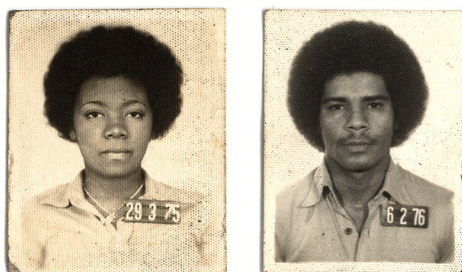
Como iniciei toda essa trajetória de sucesso com a *Diaspora.Black*?

Para compreender como e onde tudo isso começou, tenho que me debruçar sobre a minha própria história e apresentar alguns momentos pessoais que teceram os caminhos desse empreendimento.

Marileia de Carvalho Silva e Carlos Humberto da Silva, nasceram no mesmo dia, horário e cidade, mas com um ano de diferença. Meu pai nasceu em 07 de janeiro de 1956, minha mãe em 07 de janeiro de 1957.

Eles se conheceram no ponto de ônibus, ao saírem dos seus trabalhos, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em meados da década de 1970. Eles não tinham grande bagagem de leituras políticas, mas eram muito influenciados pelos movimentos de afirmação negra da época, como os movimentos *Panteras Negras* e o *Black is Beautiful*, que surgiram na década de 1960, nos Estados Unidos, e frequentavam bailes *blacks* que tomavam conta do Rio de Janeiro, com seus cabelos *Black Power*.

Foto 1: Meus pais Marileia e Carlos Humberto



Fonte: Álbum de família do autor

Meu pai era um grande amante de *Soul Music*¹ e fazia bailes *blacks* com seu equipamento de som. Minha mãe, amante do samba, um gosto que herdou de meu avô *Biete*, sambista e compositor que teve algumas músicas interpretadas pelo sambista *Dicró*².

Esse casal afirmado - mesmo sem saber de fato o que representava afirmação - teve suas vidas viradas ao avesso, após uma grande tragédia que ocorreu logo após o meu nascimento. Nos meus primeiros dias de vida, ao chegarmos em casa, eu no colo de minha mãe no banco do carona do fusca branco que meu pai conduzia, fomos abordados por assaltantes que levaram o carro de meu pai na frente da nossa casa, no bairro *Piam*, em *Belford Roxo*, Baixada Fluminense. Meus pais entraram em casa em estado de choque. Mas

¹ Gênero musical Afro-americano que influenciou o mundo todo.

² Cantor e compositor, nascido em Mesquita, município em que meu avô morou.

alguns vizinhos que testemunharam o assalto, perseguiram e alvejaram os assaltantes com o Fusca de meu pai. Em represália, um grupo metralhou a fachada da casa durante a madrugada, achando que meus pais tinham envolvimento com a perseguição e morte dos assaltantes. Na manhã seguinte, amedrontados, deixamos a casa com tudo dentro e nunca mais retornamos.

Sem ter para onde ir, meus pais foram buscar o apoio de uma *Ialorixá*³ que minha mãe havia conhecido meses antes. Na ocasião, minha mãe foi acompanhar uma amiga, mas a *Ialorixá*, *Mãe Neide de Iemanjá*, a convidou para fazer um jogo de búzios⁴. O jogo alertou minha mãe de que algo trágico poderia acontecer e que ela precisaria fazer algumas coisas, mas minha mãe não deu tanta atenção e só lembrou do alerta quando a fatalidade havia ocorrido. Por isso, o primeiro lugar que meus pais pensaram em buscar ajuda, foi no terreiro *Tenda Espírita Pai Xangô*, em *Comendador Soares*, *Nova Iguaçu*, Baixada Fluminense.

Naquele dia iniciava um novo capítulo da nossa história e aquele terreiro marcaria de vez as nossas vidas. A *Tenda Espírita Pai Xangô*, que inicialmente nos acolheria provisoriamente por uns dias, se tornou minha casa até meus 14 anos. No mesmo barracão onde aconteciam as cerimônias, organizamos nossas mobílias e nossas vidas. Ao lado do *Gongar*⁵, ficava minha cama, no mesmo espaço improvisado com a divisão de cômodos feita com os móveis. Foi neste espaço em que vivi toda minha infância, brincava com os *Erês*⁶ e saudava *Oxalá*⁷.

Foi ali - naquele espaço que acolhia diferentes e diversas pessoas negras, mulheres, pessoas LGBTQs, idosos e todos que buscavam no terreiro um forma de cuidar de suas dimensões espirituais e ancestrais - que experimentei lições as quais trago até hoje. Aprendi o que representava *Acolhida*, *Ancestralidade*, *Hospitalidade* e *Compartilhamento* - elementos estruturantes na criação da *Diaspora.Black*.

E naquele espaço que já era acolhedor por natureza, minha mãe em sua extraordinária vocação maternal, acolheu ainda mais irmãos e irmãs que não saíram de seu ventre biológico, mas que nasceram de seu ventre afetivo. Os primeiros a serem acolhidos foram meus tios, irmãos mais novos de minha mãe, que haviam perdido sua mãe, minha avó. Em sua vocação, minha mãe assumiu os cuidados de seus irmãos menores, *Tio Marquinho* e *Tio Marcelo*.

³ Liderança feminina de terreiros (religiões de matrizes africanas);

⁴ Uma prática oracular de leitura da vida passado e futuro através dos búzios, que são conchas de moluscos marinhos, associadas a cosmovisão africana.

⁵ Altar com imagens de santos e divindades cultuadas em religiões de matrizes africanas.

⁶ Divindades crianças, cultuadas nas religiões de matrizes africanas.

⁷ Orixá associado a paz e cultuado nas religiões de matrizes africanas.

Depois veio meu primo *Carlos Eduardo* (Dudu), que em 2015, foi violentamente assassinado. Depois *Camila, Junior, Diel* e mais quatro, que passaram pela acolhida de minha casa, *Tio Valdo, Cyele, Keké e Welisson*, todos com muito respeito, cuidado e afeto compartilhados nesta família preta, diversa e acolhedora.

Aprendi com minha mãe, *Dona Marileia*, ou *Leia* como era conhecida, a nutrir o sentimento de irmandade que ela cultivou em todos nós. Neste ambiente, sempre movimentado, cheio de ancestralidade, musicalidade, oralidade e afeto, eu fui criado, amado e formado. Eu era uma criança muito inquieta, e sempre tive o desejo de viajar, de ir a praias distantes, de conhecer novos lugares. Porém, essa era uma missão muito difícil para uma família tão grande e bem pobre. Para contornar essa situação, aos 12 anos comecei a promover excursões para praias. Gosto de dizer que fui uma das inspirações da música “*nós vamos invadir sua praia*”⁸.

Saíamos durante a madrugada para garantir aproveitar todo o dia na praia e levávamos isopores, panelas, idosos, muitas crianças e uma farra danada! Nós éramos os verdadeiros, autênticos e muito felizes “*Farofeiros*”, como foram chamados grupos de periferias cariocas que saiam em excursões para praias na década de 1990. Eu fazia toda a parte de mobilização e venda das passagens, minha tia era a responsável legal, e nós compartilhávamos o lucro.

Essa foi minha primeira experiência empreendedora - quem diria que 25 anos depois eu empreenderia no turismo?

Ao longo dos anos seguintes, minha inquietude e facilidade para estar sempre associado a grupos, me guiaram por experiências de formação política. Primeiro na *Pastoral da Juventude*, da Igreja Católica, aos 15 anos. Ingressei no grupo jovem que ficava na *Igreja Nossa Senhora da Aparecida*, bem próximo à minha casa, e lá eu e alguns colegas criamos um segundo grupo que chamamos de LUENDE (*Lutamos Juntos em Nome de Deus*), nome que sugeri e foi eleito pelos demais. Na Pastoral, conheci a *Teologia da Libertação*⁹ e seus intelectuais, tais como *Leonardo Boff, Paulo Freire* e esse momento semeou novos sonhos.

Anos depois ingressei no *Movimento de Pré-Vestibular Comunitário para Negros e Carentes* (PVNC) e em outros movimentos sociais. Ali eu aprofundi toda minha leitura política do mundo, a partir daquele espaço de organização coletiva com o objetivo de promover o acesso ao Ensino Superior para pretos e pobres. O movimento foi um grande fenômeno na Baixada Fluminense e me ajudou a mudar os rumos de minha história, focar no ingresso na universidade e mobilizar mais jovens em torno desta causa.

⁸ Música da banda *Ultraja a Rigor*, lançada no ano de 1985.

⁹ Frente da Igreja Católica engajada na busca pela justiça social, a partir da leitura das desigualdades sociais e busca de superação da pobreza.

Eu entrei nas aulas no núcleo *Vila Operária*, em *Nova Iguaçu*, e anos mais tarde fundei outro núcleo, ao lado de alguns amigos e primas bastante engajadas na luta pela Educação e ações afirmativas. Na mesma igreja em que frequentei a Pastoral, criamos o *Pré Vestibular Zumbi dos Palmares*, em menção ao grande líder quilombola e à ocupação de mesmo nome que ficava no entorno de minha casa.

A experiência de militância aconteceu também por outros movimentos sociais, como na *Luta por Moradia*, onde desenvolvi um trabalho de *Educação para Jovens e Adultos na Ocupação Chiquinha Gonzaga*; no Movimento Estudantil, onde estive à frente de diferentes espaços acadêmicos, e em outras causas. Toda essa trajetória ativista acontecia em paralelo à jornada de trabalho formal, e se somaria às vivências de formação política.

Representatividade e educação formal importam

Em meu primeiro trabalho, no Centro do Rio de Janeiro, compreendi muito profundamente que representatividade importa. Trabalhei por dois anos em uma corretora de seguros, onde toda a equipe era preta. Éramos seis pessoas, incluindo os dois sócios que eram ligados ao mundo do samba. Embora esse trabalho não tenha me rendido grandes salários, era muito bom estar naquele espaço. Na época não sabia dizer o porquê, mas era mágico as trocas e reconhecimentos nas histórias em comum.

A perspectiva de entrar na universidade só apareceu para mim quando fui me apresentar para o alistamento militar obrigatório. Ali descobri que havia possibilidade de ingressar no serviço militar em meio período, com um excelente salário, desde que estivesse cursando uma universidade. O serviço militar, além de ser o sonho dos meus pais (meu pai sonhava que eu serviria no Exército e minha mãe na Marinha), era também a referência e o sonho da maioria dos meus amigos de bairro. Eu nem estava tão seduzido pela ideia de ser militar, mas me senti muito estimulado a tentar. Esse foi o gatilho que eu precisava para começar a pensar em ingressar em uma universidade e encontrei o PVNC como caminho de chegar lá.

A universidade me abriu muitas portas, tanto no aprofundamento intelectual e no engajamento com as lutas sociais, como nas oportunidades profissionais e pedagógicas. Ingressei na *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (PUC-Rio) como aluno bolsista, através do que foi o primeiro piloto de políticas de ações afirmativas na Educação Superior brasileira. Depois disso, acessei excelentes oportunidades de estágios, tais como na *Diretoria de Geografia do IBGE*, no *Instituto Pereira Passos da Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro* e na *EMBRAPA Solos*.

Estagiei também em Núcleos de Pesquisa da PUC-Rio, como o *Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente* (NIMA) e o *Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente* (NIREMA). Ali também se abriram

outras oportunidades, como a de uma bolsa de intercâmbio para um programa de *Summer School* na *Harvard University* (só essa experiência daria um outro capítulo) e no *Mapeamento de Casas de Religiões de Matrizes Africanas do Rio de Janeiro* (2008-2011).

Essas experiências, ainda durante a universidade, me apresentaram visões, conceitos, pensamentos e a possibilidade de compreender a sociedade brasileira por diferentes ângulos - mas em todos eles o conhecimento se apresentava como o melhor caminho e a educação como a principal ferramenta.

Após a universidade, não tive muitas dificuldades para ingressar no mercado de trabalho e minha primeira atuação após a graduação foi como educador do programa que treinava jovens de favelas do Rio de Janeiro a atuarem como representantes turísticos durante os *Jogos Pan Americanos*. Tenho muitas críticas àquele projeto, mas ali, nas comunidades, com aqueles jovens, vi em seus olhos o quão transformador era a possibilidade de apresentar suas próprias histórias.

O projeto não tinha tantos recursos ou ferramentas, mas desenvolvi com os jovens o *Mapa Falante*, que é uma técnica participativa de elaboração de mapas tendo os agentes locais como os principais protagonistas de todo o processo. Realizamos um trabalho muito emocionante com lideranças e jovens de duas comunidades, *Acari* e *Morro do Macaco*, que mais uma vez me aproximava da agenda do turismo.

Em 2010, ao entrar para a equipe de *Mobilização Comunitária do Canal Futura*, vivenciei um novo marco ao poder contribuir com diferentes projetos, associados a causas sociais e com as muitas ferramentas e conteúdos audiovisuais. Foi um mergulho muito intenso no conhecimento e nas metodologias participativas aplicadas nos projetos da fundação. Mas foi no encontro com o projeto *A Cor da Cultura*, conhecendo por dentro o projeto e apoiando em alguns momentos na proposição de oficinas, que vivi a minha maior universidade. Ali compreendi o quanto a escola pode ser perversa para uma criança negra - e também o quanto uma metodologia focada em valores ancestrais podem produzir o fortalecimento e a autoestima das crianças.

A luta antirracista e os valores civilizatórios afrobrasileiros

Eu já conhecia a intelectual que liderava a coordenação pedagógica do projeto *A Cor da Cultura* (ACDC), *Azilda Loretto da Trindade*. Ela ministrava as aulas de metodologias antirracistas para Educação em um curso de extensão no *Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais* (Laeser) da UFRJ. De imediato fiquei muito impactado com a forma como ela trabalhava e os conceitos que me apresentou. No ano seguinte, ela me convidou para ministrar as aulas de *Territorialidades Negras* do mesmo curso. Embora muito inseguro, essa foi

uma das melhores experiências da minha vida e ali, tive uma aproximação muito profunda com o pensamento dela. Com o *ACDC*, mergulhei nos valores civilizatórios afrobrasileiros, metodologia essa que viria a ser a base dos treinamentos da *Diaspora.Black*.

Após sete anos trabalhando na equipe de mobilização do *Canal Futura*, fui fazer um período sabático de mochilão pela América Latina onde iniciei o projeto *Juventude Afrolatina*, onde comecei a ministrar oficinas de audiovisual para jovens de comunidades negras da Bolívia e Peru. Mesmo curto, o projeto me apontou a possibilidade de inovar criando novas forma de agenda antirracista.

Ao retornar ao Brasil e me iniciar no Candomblé, no *Ilê Omiojuarô*, casa de *Mãe Beata de Iemanjá*¹⁰, minha vida virou de cabeça para baixo. Era justamente o ano de 2016, eu morava em um dos bairros turísticos mais visitados do Rio, *Santa Teresa*, em plenos *Jogos Olímpicos*. Mas o que seria um período de festa, se tornou um marco da violência racista, com inúmeros casos de discriminação que ocorreram até com diferentes delegações africanas que visitaram o país. A cada situação, ficava evidente que o racismo não permite um boa acolhida a visitantes negros.

Quando comecei a alugar um dos quartos do meu apartamento na plataforma de compartilhamento de hospedagens que muitos não conseguem pronunciar o nome, vivi uma situação de racismo abominável, dentro de minha própria casa. Recebi um casal de holandeses que se negou a se hospedar em meu apartamento por eu ser um anfitrião negro. Aquela experiência foi uma verdadeira afronta à minha história, valores e minha vocação em acolher. Justo eu, que na minha infância havia sido acolhido em um espaço sagrado, cuja mãe tinha uma grande vocação acolhedora e adorava receber pessoas em minha casa. Foquei muito revoltado! Entendi que não poderia pagar por um serviço que me submetia a viver uma situação de racismo dentro de minha própria casa, que sempre representou algo sagrado.

Aquele episódio foi a constatação de que precisamos de serviços de turismo que livrassem pessoas negras de experiências racistas como esta. Naquele momento identifiquei a necessidade de um serviço que respeitasse e estivesse preparado para receber anfitriões e hóspedes negros.

E assim nasceu a *Diaspora.Black*

Foi em agosto de 2016 que *Antonio Pita*, *André Ribeiro*, *Gabriel Oliveira* e eu nos sentamos para falar sobre as primeiras ideias da *startup* que, já no mês seguinte se tornaria a *Diaspora.Black*. Mas nada teria saído do lugar sem o apoio destes sócios e amigos incentivadores.

¹⁰ Uma das maiores lideranças de terreiros, conhecida mundialmente e fundadora de diferentes organizações sociais das lutas de gênero, contra o racismo, contra homofobia entre outras.

Desde o primeiro momento em que criamos a discutimos a empresa, já tínhamos a convicção de onde queríamos chegar. Estávamos muito alinhados na compreensão de que não bastava criar os serviços de turismo para promover o conhecimento sobre histórias e legados da população negra, se o *Trade* de turismo não estivesse preparado para receber esses consumidores.

Foto 2: Sócios fundadores da *Diaspora.Black*



Fonte: Acervo da *Diaspora.Black*

Deste modo a *Diaspora.Black* já nasceu com a missão de promover o conhecimento a partir de serviços para o turismo e de treinamentos. Assim criamos a empresa que hoje é a maior plataforma global do setor, focada no *Afroturismo*.

Já é de conhecimento de todos que o racismo e a desigualdade racial são grandes problemas na sociedade brasileira, embora o país tenha cerca de 115 milhões de afro-brasileiros. Essa população não se vê representada em diversos setores de serviços e tem seus legados socioculturais, sua identidade e história, invisibilizados também nos serviços do turismo.

Foto 3: Experiência de *Afroturismo* em Salvador, BA



Fonte: Acervo da *Diaspora.Black*

Nós entendemos que este segmento é estratégico para o enfrentamento ao racismo, pois podemos promover o conhecimento e valorização das culturas e identidades negras, além de geração de renda e o combate ao racismo.

Além disso, a tecnologia é elemento fundamental para o desenvolvimento econômico dos empreendedores do setor, especialmente no pós-pandemia. A presença digital é determinante para o setor e por isso criamos uma empresa de tecnologia que permite a promoção e venda de serviços turísticos e culturais em diversas cidades, com foco na valorização da cultura negra.

Por esta razão a *Diaspora.Black* se tornou um *marketplace* de serviços voltados para o turismo e cultura negra. As vendas realizadas na plataforma são comissionadas em 20% para todas as atividades, como cursos, palestras, passeios guiados e hospedagens. Também temos o modelo de consultorias e atividades para empresas. No *marketplace*, são anunciadas em nosso site www.diaspora.black serviços de:

Hospedagens - Anúncios de casas compartilhadas, pousadas, hostels, hotéis, fazendas, *resorts*. Nosso diferencial é que o anfitrião que anuncia em nossa plataforma está dizendo que oferece mais que qualidade e conforto, oferece um padrão de qualidade inclusivo, com respeito e preparo para oferecer à *todxs* o mesmo padrão.

Experiências culturais - Roteiros que contam a história da população negra (Vivências em quilombo, circuitos históricos, gastronômicos, religiosos, culturais - como o do bairro da Liberdade na cidade de São Paulo, onde nossos parceiros especialistas apresentam a relação do nome com a história da resistência negra presente de múltiplas formas ainda hoje.

Experiências online - Anúncios de eventos *online* (tours virtuais, palestras, cursos, oficinas, *workshops*, *shows*).

Na venda de **consultorias e treinamentos**, atuamos levando para empresas ações, programas e políticas para diversidade e equidade racial, colaborando para mudanças na estrutura interna, maior preparo para um receptivo inclusivo e com padrões de abordagens para atrair novos colaboradores e consumidores plurais.

O Afroturismo e a educação antirracista

A Educação não pode ser compreendida somente pela sua atuação em espaços formais de ensino, ela deve ser compreendida de forma mais ampla, em como uma potência e em espaços cotidianos.

Como diz *Molefi Asante*,

A educação é fundamentalmente um fenômeno social que tem como último objetivo a socialização do aprendente (ASANTE 2009).

Nós compreendemos que o *Afroturismo* pode promover essa socialização de histórias e pode promover uma Educação antirracista, como um elemento complementar que supre a ausência de conhecimentos aos quais não fomos submetidos em nossa trajetória de educação formal.

Conectar pessoas a experiências como uma vivência em um quilombo; uma caminhada pela *Pequena África* ou pelo *Cais do Valongo*, no Centro do Rio de Janeiro; conhecer a história negra do *Bairro da Liberdade*, em São Paulo; ou os patrimônios negros do *Pantanal Mato-grossense*, ou ainda, nas muitas e muitas histórias da população negra espalhadas por todo o país, nos ajuda a compreender a nossa própria história.

E caso, tenha uma necessidade maior de letramentos ou treinamentos antirracista, poderemos criar oportunidades para a mudança do modelo mental e a desconstrução de vieses inconscientes através de nossos treinamentos, que têm sido uma maneira muito gratificante de observar resultados transformadores.

Afinal, como nos ensinou *Paulo Freire* (1979), a “*Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo*” e nós promovemos essa educação - ou reeducação - , a partir do *Afroturismo*.

Referências:

ASANTE, Molefi Kete (2009). “Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar”. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro:93-110.

FERNANDES, Florestan (1964). *A integração do negro na sociedade de classes*. Editora Azul.

FREIRE, Paulo (1979). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

LORETTO, Azoilda (2013). “Valores civilizatórios afrobrasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira”. *Valores civilizatórios na Educação*.

Sobre o Autor

Carlos Humberto da Silva Filho é o Fundador e CEO da *Diaspora.Black*, plataforma pioneira de turismo e cultura negra, reconhecida por sua inovação e impacto social. Graduado em Geografia e Meio Ambiente pela PUC-Rio, com estudos adicionais na *Harvard University*. Sua carreira é marcada por sua atuação em diversas organizações e empresas, como na *Fundação Roberto Marinho*, onde liderou a implementação de iniciativas focadas em mobilização comunitária e Direitos Humanos. Desenvolveu uma plataforma inovadora de turismo afrocentrado e consultoria em Diversidade, Equidade e Inclusão (D&I). Com mais de 300 palestras e *workshops* ministrados em eventos de relevância nacional e internacional, como no *Fórum Social Mundial*. Acumulou uma série de prêmios ao longo de sua trajetória. A *Diaspora.Black* foi eleita uma das "30 empresas que mais fazem bem ao país" pela PEGN em 2019, recebeu menção honrosa da *Organização Mundial do Turismo* em 2020, e ficou em 3º lugar no *Prêmio Global de Turismo e Inovação* da OMT no mesmo ano. Em 2021, a empresa foi destaque no "Top 10 do Turismo" no ranking *100 Open Startups* e recebeu o prêmio de "Empreendedor Social do Ano" pela *Folha de São Paulo* na categoria "Soluções para Comunidades". Liderou a *Diaspora.Black* à vitória na 5ª edição do festival de empreendedorismo *Menos30Fest*, da *Rede Globo*, e conquistou diversas colocações em desafios de inovação. A empresa também passou por programas de aceleração nos principais *hubs* de inovação do Brasil, incluindo *Google For Startups* e *Estação Hack*.